

JAQUELINE LINO: BIOGRAFIA DE UMA PROFESSORA DEDICADA À EDUCAÇÃO PÚBLICA

CAROLINA DOS SANTOS BARRETTO POSSAMAI

Aluna do Curso de Pedagogia 5º Semestre e Bolsista PIBID - CED/UECE.
E-mail: carol_chasez@hotmail.com

MICHELE DANTAS BARBOSA

Aluna do Curso de Pedagogia 5º Semestre e Bolsista PIBID - CED/UECE.
E-mail: michellydantas@bol.com.br

Introdução

Neste artigo, procuramos mostrar um breve histórico e a biografia da professora de escola municipal, Jaqueline. Com uma vida dedicada à profissão e com 24 anos em sala de aula, atuando sempre na Escola Municipal Professor Francisco Maurício de Mattos Dourado, retrataremos, através da entrevista baseada na história oral temática, um perfil da educadora. Convivendo semanalmente com ela por conta do PIBID, pois somos supervisionadas por ela, pudemos notar sua simpatia e preferência de todos que a cercam.

Tendo também sempre estudado em escola pública, pretendemos traçar um paralelo entre a situação da época, vivida como aluna da escola pública, e sua atuação docente na escola pública atualmente, bem como entender como sua trajetória de vida se deu e até que ponto isso é importante na sua prática diária. Esses são alguns dos objetivos desse trabalho.

O carinho e dedicação por seu trabalho nos chamou a atenção pelo fato de ela estar tanto tempo em sala de aula. Esse foi um dos fatores que influenciaram nossa escolha por esta protagonista de nossa breve pesquisa.

Para realização desse trabalho, fizemos uma só entrevista com ela, e através de leituras, principalmente de Paulo Freire, pudemos esclarecer ainda mais o perfil dessa educadora. Durante nossa conversa, conhecemos realidades e situações diversas, além

de nos surpreendermos com histórias bem emocionantes, que cremos terem relevância para retratar um perfil da realidade docente pública no Ceará.

Metodologia

Biografia feita através de uma única entrevista realizada no dia 16 de julho de 2014, na sala dos professores da escola Mattos Dourado. A gravação foi feita através do gravador de um celular Nokia. Foram cerca de 40 minutos de gravação.

Infância

A educadora Jaqueline Lino Pinto nasceu em Fortaleza, em 29 de abril de 1965. Segunda de um total de quatro filhos, ela cresceu também na capital e teve uma ótima infância no bairro Aerolândia, onde podia correr na rua, soltar pipa, jogar pião e brincar de carimba. A casa onde morava nessa fase era num terreno comprido, onde um corredor só levava a todos os cômodos da casa. Ela dividia seu quarto com sua irmã, sete anos mais nova que ela, chamada Patrícia, e relata uma lembrança que viveu nessa casa:

Meu pai trabalhava, mas tinha hora do almoço, minha família se reunia pra almoçar, e hoje as pessoas não tem mais tempo. E na mesa tinha os lugares certos para sentar. Meu pai na cabeceira, minha mãe na outra, meu irmão na minha frente e minha irmã ao meu lado. Eu lembro que comecei a ser canhota por que eu gostava muito do meu irmão Lino, e como sentava na frente, copiava o que ele fazia como em um espelho.

Ainda criança, começou a estudar na Escola Municipal Edith Braga,³ que ficava a dois quarteirões de sua casa. Estudou nessa es-

³ A Escola de Ensino Fundamental Edith Braga, foi fundada no ano de 1951 e inaugurada no dia 30 de janeiro de 1955, com o nome de Grupo Escolar Professora Edith Braga, na administração do Prefeito Paulo Cabral de Araújo. Em 1960, foi nomeada

cola até a 4^a série. Ela relata que o prefeito não dava tanta importância à situação em que se encontrava a escola. Não havia denúncias sobre este tipo de situação na TV, bem como notícias na imprensa sobre situações de abandono e mau uso de verbas públicas. Hoje, ela afirma que existem muito canais de divulgação, e que os órgãos de fiscalização trabalham com mais eficiência. Ela nos fala um pouco dessas péssimas condições da escola em que estudava na época:

Naquela época era muito difícil. A escola nem tinha cadeira para se sentar, se quisesse cadeira tinha que trazer de casa. Eu não levava, eu me sentava no chão da sala de aula, colocava a madeira nas pernas e ia estudar. Minha mãe até hoje se recorda de muitas vezes chegar em casa e eu está no chão, estudando.

A década de 1970 fez parte de um período de nossa história marcada pelo autoritarismo, ou seja, a Ditadura Militar. Foi pautada em termos educacionais pela repressão, privatização do ensino e exclusão de boa parcela dos setores mais pobres do ensino elementar de boa qualidade.

Na década de 1970, o que então se denominava de não-diretivismo foi amplamente divulgado, chegando mesmo a ganhar respeito junto ao professorado como uma pedagogia de oposição ao regime político vigente, frente ao conjunto de regras, técnicas e preparação de reuniões, ou seja, toda a parafernália de diretrizes impostas pela pedagogia governamental. Assim, o debate “diretivismus versus não-diretivismus” manifestava em relação ao trabalho didático a problemática do autoritarismo versus não-autoritarismo colocado na sociedade. (GHIRALDELLI, 2009 p.133)

diretora a Prof. Maria Lêda Santana Craveiro, que durante trinta anos administrou a escola. No ano de 1972, com a reforma do ensino, passou de Grupo Escolar à Escola de 1º grau, funcionando inicialmente com turmas até a 6ª série. Nesse mesmo ano, a escola passou a funcionar também no turno da noite. Em 1975, foi implantado o sistema de TVE. Atualmente, tem a frente da direção a Professora Cristine Alves Pereira. Fonte: <https://sites.google.com/site/aeeprofedithbraga>

Mesmo diante de tantas dificuldades, ela sempre se dedicou muito aos estudos, e seu comportamento em sala de aula sempre foi exemplar. Ela costuma dar seu exemplo para os alunos, afirmando que quando ia para escola era para estudar. Então, na sala de aula, ela ficava só olhando para a professora, querendo entender e aprender, perguntando, participando, fazendo as tarefas. Quando uma colega de sala vinha falar com ela, ela dizia que tinha vindo para estudar, e que só conversaria depois que a aula acabasse. Na hora do recreio, conta que era uma criança normal, pois corria, brincava, subia em árvore, caía, se machucava, brigava, entretanto, na sala de aula sempre foi muito dedicada. Ela descreve porque se preocupava em ser boa aluna:

Meu pai trabalhava fora e minha mãe era dona de casa. Eu via o sacrifício dela de acordar cedo, de arrumar a casa, de lavar roupa à mão, pois antigamente não existia máquina de lavar. Ela engomava, cozinhava, me arrumava pra ir pro colégio, eu ia toda *banhadinha*. Quando chegava da escola, o almoço estava na mesa. Aí eu pensava em dar um prêmio a minha mãe que ela tanto merecia. Quando ela ia nas reuniões, a professora era só elogios para mim e minha mãe ficava muito feliz e orgulhosa.

Jaqueline, que sempre estudou em escola pública, e com pouca idade, já andava sozinha, ia ao Centro da cidade resolver problemas. Também sempre gostou de ler, principalmente revistas. A cidade era muito tranqüila e não existiam muitas formas de comunicação.

Não tinha televisão e telefone fixo era muito raro, então nós gostávamos de conversar com os vizinhos, conversar com os mais velhos. A minha avó chegava do interior, eu sentava pertinho dela e ouvia ela contar de quando ela casou, de quando teve filhos, da fábrica do meu avô e a gente gostava muito de escutar os mais velhos.

Depois de completar a 4ª série, ela foi estudar no Colégio Jenny Gomes, localizado na Avenida Borges de Melo. Terminou o

2º grau e foi fazer o pedagógico no Instituto de Educação do Ceará. Ela decidiu que queria realmente ser professora, e fez uma prova interna e passou. Sua decisão foi tomada seguindo sua tendência, que sempre foi a de ensinar. Ainda pequena, sua brincadeira favorita era brincar de ser professora.

Eu chegava do colégio, pegava meus livros e tudo que a professora falava, eu repetia: “menino senta!” Teve um dia quando eu ainda era criança, que pedi ao meu pai uma lousa e uma caixa de giz. Ele disse que traria amanhã e todo dia eu esperava por ele e ele sempre ele dava uma desculpa que tinha esquecido, ou que não deu para comprar. Fiquei uma semana esperando. Afim de um dia, minha amiga que o pai tinha uma mercearia, viu dentro do fusca do meu pai minha lousa e foi me avisar. Foi uma recordação muito boa, pois eu gostei muito de ganhar essa lousa. Sempre brinquei de ser professora quando criança. Até hoje minha mãe diz: “Engraçado, o que você brinca quando criança é o que você vai ser”.

Profissão

Filha de Maria Idália e Raimundo Filho, iniciou seu primeiro emprego aos 17 anos, como agente administrativo na escola Edith Braga, primeira escola onde estudou. Ela conseguiu esse emprego através de um contrato político, prática bem comum naquela época, por meio de um político irmão de seu tio, casado com sua tia. Trabalhou por seis anos na secretaria da referida escola. Quando o prefeito Juraci Magalhães assumiu a prefeitura, em 1990, houve a realização de um processo seletivo direcionado para aqueles que eram formados no pedagógico. Ela, que ainda não lecionava, fez a prova e passou para ser professora do município, com uma carga horária de 120h no início. Depois, fez outra prova para trabalhar mais de 120h, sendo novamente aprovada. Desde essa época, permaneceu ativa, e, atualmente, tem 24 anos de experiência em sala de aula, num total de 30 anos como servidora municipal.

Sua relação com os alunos é bem interessante, pois procura ser sempre rígida, impondo limites, o que não é fácil, afinal essas crianças vivem, muitas vezes, uma realidade em que não há limites em casa. Jaqueline não só se preocupa com a aprendizagem, mas também com o contexto social de cada criança.

É uma relação que eu procuro dar limite e ser amável ao mesmo tempo. Porque muitos deles não tem carinho em casa. E isso tem que ser primordial numa professora, porque são crianças bem carentes, vivem uma vida bem difícil. É muito bom ter também o carinho dos nossos ex-alunos. Quando os encontro nas ruas e vejo-os trabalhando é muito gratificante, mas também vejo muitos ex-alunos que não seguiram o caminho do bem. Eu espero sempre que eles reconheçam o que fizemos por eles, e mais do que isso, que nossas lições de vida sejam refletidas e usadas para eles terem um futuro melhor. Hoje a maioria pode nem prestar atenção, não dão importância, mas lá na frente eles vão poder ter consciência daquilo que falávamos para eles era para o bem. De quanto estudar foi importante.

No livro “Professora Sim tia Não”, Paulo Freire aborda a questão do relacionamento do educador com o educando, que deve ser uma relação de respeito e de conhecimento das condições da realidade em que ambos estão inseridos, em que o ensino dos conteúdos não pode ser autoritariamente imposto, pois o ato de ensinar e aprender não pode se limitar a uma prática mecanicista.

Creio que a questão fundamental diante de que devemos estar, educadoras e educadores, bastante lúcidos e cada vez mais competentes, é que nossas relações com os educandos são um dos caminhos de que dispomos para exercer nossa intervenção na realidade a curto e a longo prazo. Neste sentido e não só neste, mas em outros também, nossas relações com os educandos, exigindo nosso respeito a eles, demandam igualmente o nosso conhecimento das condições concretas de seu contexto, o qual os condiciona. Pro-

curar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à maneira como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem. (FREIRE, 1993. p.79)

Freire também aponta em seu livro “Pedagogia da autonomia” que ensinar não é só transferir conhecimento, mas também criar situações para a produção e a construção desse conhecimento. Cita, também, a importância do educador:

A responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande. A natureza mesma de sua prática, eminentemente formadora, sublinha a maneira como se realiza. Sua presença é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos. (FREIRE, 1996. p. 47)

Jaqueline sonha com o dia em que os governantes olhem mais para a educação. Ela vê como uma possível solução para melhoria da educação um sistema integral, no qual haja uma merenda escolar melhor, psicopedagogos e psicólogos em cada instituição de ensino. Sugere que se o aluno ficasse dois turnos na escola, ele se distanciaria um pouco mais da realidade encontrada na rua. Ela também pensa que, para melhorar o contexto escolar, deve haver mais a participação das mães, através de um maior apoio aos filhos e à escola. Dessa forma, a escola exerceria o papel democrático no contexto social. Segundo Jaqueline, a maioria das mães só vem pra brigar, e não pra ajudar, e querem que somente a escola resolva os problemas, sendo que, em casa, elas não querem participar.

A escola democrática não apenas deve estar permanentemente aberta à realidade contextual de seus alunos, para melhor compreendê-los, para melhor exercer sua atividade docente, mas também disposta a aprender de suas relações com o contexto concreto. Daí a necessidade de, professando-se democrática, ser realmente humilde para poder re-

conhecer-se aprendendo muitas vezes com quem sequer se escolarizou.(FREIRE, 1993. p.100)

Ela se sente satisfeita com o trabalho que desenvolve em sala de aula, mas se queixa da falta de apoio. Acredita que deve haver mais reconhecimento da importância do professor e valorização dele por parte da prefeitura, do Estado, e da União, e que os investimentos sejam melhor utilizados em prol de uma escola pública de melhor qualidade.

O Brasil tem uma grande dívida com os profissionais da educação, particularmente no que se refere à sua valorização. Para reverter essa situação, as políticas de valorização não podem dissociar formação, salários justos, carreira e desenvolvimento profissional. É preciso assegurar condições de trabalho e salários justos equivalente com outras categorias profissionais de outras áreas que apresentem o mesmo nível de escolaridade e o direito ao aperfeiçoamento profissional contínuo. (CONAE, 2014 p.74)

Apesar de sua queixa, reconhece que as políticas públicas melhoraram bastante, quando comparadas com as de antigamente. Hoje, o aluno recebe farda, possui cadeira para se sentar na sala e o professor tem material para ser usado – como pincel, lousa, merenda etc. “Estou nessa escola há 20 anos e nunca vi faltar merenda. Mas há muito o que se melhorar nessa parte de estrutura. A grande diferença é de quando eu estudei com a realidade de que quando comecei a trabalhar” diz.

Dificuldades

O maior problema que ela vê no currículo da escola é a falta de um trabalho social da criança. Sua filha, por exemplo, viveu uma realidade de abandono, e tem dislexia. Ela, Jaqueline, conta que foram dois anos para descobrir o real diagnóstico da dificuldade de aprendizagem que sua filha tinha. E isso não acontece com a maio-

ria das crianças que tem problemas. Na sala de aula, ela vê muita criança com problema de vista, o que acaba fazendo com esta perca o interesse pela aula, pelo fato de não enxergar direito.

Algumas chegam ao 4º ano sem saber ler, aí culpam a professora, a gente culpa a mãe. Aí criaram PCA 1, PCA 2, para essa criança se recuperar, mas se ela tiver algum comprometimento, ela não vai aprender nunca. Os alunos que tiverem algum problema, a mãe não vai descobrir, diagnóstico de dislexia, não se descobre rápido, consultas e exames são caros, tem que haver dedicação e acompanhamento para que aquela criança tenha oportunidade de melhorar.

O mais gratificante, segundo ela, é ver o aluno aprendendo, construindo, elaborando, levando em frente todas as lições aprendidas, passando de ano e as outras professoras o elogiando. Ela acha muito prazeroso ver um aluno que chegou à escola sem saber o alfabeto, e, que depois, saiu aprendendo, lendo e escrevendo.

Apesar das dificuldades vividas, Jaqueline, que também tem pós-graduação em gestão escolar, diz que a grande motivação a permanecer na profissão é gostar muito dela, porque às vezes, diz que sente vontade de desistir, por conta das salas numerosas e quentes. Cobra-se muito quando não vê resultados nos alunos, porque se dedica, esforça-se para dar o melhor de si a eles. “Hoje pode estar mal, amanhã, ele melhora e o que me motiva é ver esse crescimento neles”, afirma ela.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. (FREIRE, 1996. p. 70)

Das várias situações pelas quais passou durante sua docência, o que mais marcou a sua vida foi ter conhecido sua filha, Vitória. A mãe a abandonou e a educadora a adotou. Nesse momento, Ja-

queline se emocionou bastante e chorou ao lembrar dessa história ocorrida nove anos atrás:

Eu era professora dela, do Infantil 5. Todo dia ela chegava rindo, mas a partir de agosto, ela começou a chegar na escola chorando, se queixava de dores onde não se via nada. Ao procurar a avó dela, para saber o que estava acontecendo, descobri que a mãe da Vitória tinha ido embora sem avisar nada ou dar notícia. A partir daí me sensibilizei mais ainda e passei a ficar mais perto dela tentando suprir aquela necessidade.

Um dia, Jaqueline, que já era casada, chamou Vitória para passar o final de semana na sua casa. Elas ficaram cada vez mais apegadas, e a criança não queria mais ir para casa com a avó. Na semana seguinte, Jaqueline perguntou à Dona Francisca, avó de Vitória, se ela, Jaqueline, não podia ficar com a menina. Como a avó da garota estava muito doente e já tinha outro neto para cuidar, concordou em entregá-la para a educadora.

Jaqueline se emociona ao lembrar de como Vitória chegou em sua casa, com quase nada, e ganhou roupas e brinquedos que ela o e seu esposo Júlio compraram para a garota. Foi o seu irmão Lino, que é advogado e agente da Polícia Federal, que a alertou para regularizarem a situação da adoção da criança perante a Justiça.

Fui, então, no fórum e conversei com a assistente social, que me pediu para levar a Vitória lá. A assistente perguntou a minha filha se ela gostava de mim e ela disse que me amava. A justiça então conseguiu localizar a mãe biológica da Vitória, que àquela altura já tinha tido outra filha também com o nome Vitória. Ela relutou um pouco em assinar o documento, mas como não tinha as condições de dar a ela o que eu estava dando, acabou assinando. A justiça foi então conhecer minha casa e em que condições Vitória estava vivendo. Depois disso foi só alegria, fomos comemorar. As pessoas costumavam dizer que a Vitória teve sorte em me encontrar, mas a sortuda aqui o tempo todo fui eu.

Com uma carreira belíssima na educação, e toda uma vida dedicada a essa linda profissão, Jaqueline alerta a nós, bolsistas PIBID e futuras professoras, que a profissão não é fácil, mas é gratificante. Requer muita dedicação e paciência, pois vão aparecer inúmeras dificuldades, mas também é uma profissão cercada de bonança.

Considerações finais

Atuando há 24 anos em sala de aula, a professora Jaqueline é estimada por colegas e alunos, pois sua dedicação e carinho são contagiantes. Vinda de uma infância tranqüila, ela construiu sua identidade como professora desde criança, quando brincar de ensinar era sua atividade favorita. Estudando e ensinando em escola pública pôde ver as dificuldades e depois a melhoria do ensino e da estrutura educacional em Fortaleza, mesmo a passos lentos, além de almejar um futuro bem melhor para a educação.

Em sua carreira profissional, pôde testemunhar várias situações que a fizeram refletir sobre sua ação no processo de ensino-aprendizagem. Jaqueline possui uma trajetória marcada por desafios e superações, e que teve como resultado um legado de conhecimentos, não somente para aqueles a quem ela se dispôs a ensinar, mas para todos aqueles que a rodeiam, e que, de alguma forma, se sensibilizam com seu comprometimento social.

Sempre com um sorriso no rosto, ela, além de ser educadora, também é bastante cuidadosa com seus alunos, preocupando-se com o cunho social que cada um vive, e trabalhando outros aspectos da educação que não são vistos nos livros. Por conviver tanto tempo dentro dessa realidade dos alunos da escola pública, ela acabou adaptando sua didática para uma forma mais carinhosa de trazer a educação para a sala de aula. Foi dessa maneira que conquistou sua única filha, que também foi sua aluna.

Referências bibliográficas

CONAE 2014: **Conferência Nacional de Educação**: documento – referência / [elaborando pelo] Fórum Nacional de Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria Executiva Adjunta, [2013].

FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não**. São Paulo: Olho d'água, 2.ed. 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GHIRALDELLI Junior, Paulo. **História da educação brasileira**. São Paulo: Cortez, 4.ed. 2009.